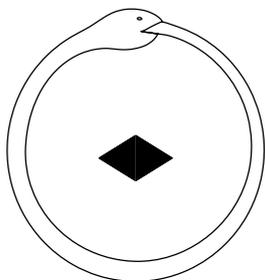




A FERA E A ESFERA
Flecha 7



cadernos
SELVAGEM



A FERA E A ESFERA

flecha 7 

*Ele atirou.
Ele atirou e ninguém viu.
Só Sete Flechas é quem sabe
aonde a flecha caiu¹.*

O caboclo é uma manifestação encantada das matas brasileiras.

No Brasil, o Caboclo Sete Flechas emerge nos terreiros da umbanda e do candomblé.

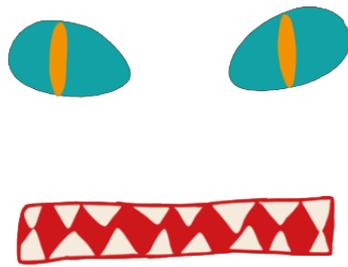
A *sétima Flecha Selvagem* é a última da série de audiovisuais criada pelo Selvagem Ciclo de Estudos sobre a Vida. Com o título *A fera e a esfera*, esta flecha “caiu” em Londres no Barbican Centre, incorporada à exposição *Our time on Earth*.

O devir da flecha é a ferida. Esta flecha cruza o Oceano Atlântico, no caminho inverso ao da expansão marítima europeia, com o destino de tocar corações civilizados e buscar a inversão da lógica colonialista, reproduzida até hoje pelo fluxo consumidor que devora o planeta e transforma tudo em mercadoria, citando Davi Kopenawa.

A fera e a esfera é, assim, um manifesto Selvagem – demanda, reclamação, reivindicação, súplica – para que, enfim, seja evidente que integramos um sistema vivo maravilhoso e destruí-lo, por cegueira e ganância, é suicídio coletivo, provocado por alguns humanos.

É fundamental a transformação cognitiva do desejo capitalista de como estar no mundo, permitir que a floresta se reinfiltre em nossos sentidos.

1. Ponto do Caboclo Sete Flechas. Pontos são músicas ao som de atabaques para chamar e saudar a presença das entidades e orixás. Orixás são divindades reconhecidas pela cultura Iorubá e as entidades são espíritos guias ancestrais da Umbanda.



Vamos embarcar?

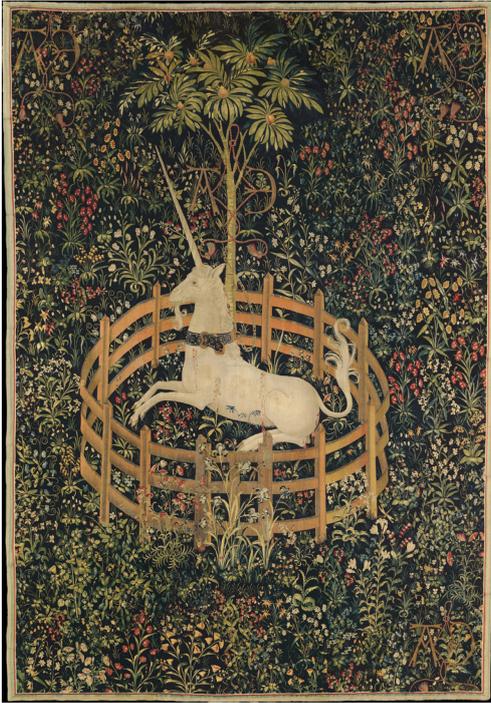


ANNA DANTES E ELISA MENDES,
Respeitar para descobrir o bem-viver, 2021.

O brilho se diz, dizendo:
Respeite as mulheres,
Respeite os homens,
Respeite as crianças,
Respeite os anciãos,
Respeite as anciãs.

Assim é
Que o nosso criador deixou
o ensinamento
E desse jeito devemos viver
E com isso cresceremos
e vamos amadurecendo
com a saúde e alegria
Somente dessa forma vamos alcançar,
conviver

E saber um jeito
de descobrir o bem viver.
É isso que eu falo.
Saúdo as divindades!



AUTOR DESCONHECIDO,
The Unicorn is in Captivity and No Longer Dead, uma das sete tapeçarias da série *The Hunt of the Unicorn*, entre 1495-1505.
Prata, seda e trama dourada sobre tapeçaria.
Doação de John D. Rockefeller Jr., 1937

Enquanto fadas correm das fogueiras

e dragões mergulham em lagos profundos,



LUCAS CRANACH O VELHO,
Adam und Eva (Gemäldepaar), c.1530.

Óleo sobre painel.
Norton Simon Art Foundation.

enquanto gente é enlaçada

e serpentes cósmicas
se transformam em lenda,



damas

e senhores

AUTOR DESCONHECIDO,
Portrait of a woman
(Elizabeth I da Inglaterra), c. 1600.
Óleo sobre painel. Doação de J. Pierpont
Morgan em 1911 para The Met Museum



se vestem de sedas

ROBERT PEAKE O VELHO,
Princess Elizabeth (1596–1662),
Later Queen of Bohemia, c. 1606.
Óleo sobre tela. Doação de Kate T. Davison,
em memória de seu marido, Henry Pomeroy
Davison em 1951 para o The Met Museum



e demandam o trabalho

SIR PETER LELY,
Portrait of a Lady in Blue holding a Flower,
c. 1660. Óleo sobre tela. Doação de C.
Fairfox Murray em 1911 para o Dulwich
Picture Gallery



de milhares de mariposas

NICHOLAS HILLIARD,
Elizabeth I, c.1575. Óleo sobre painel.
Doação de Alderman E. Peter Jones em 1945
para a Walker Art Gallery



conhecidas como

BACCHIACCA,
Portrait of a Woman with a Book of Music,
c. 1540-1545. Óleo sobre painel.
J. Paul Getty Museum

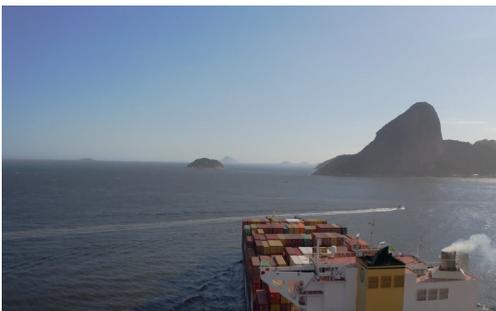


bichos-da-seda.

AUTOR DESCONHECIDO,
Queen Elizabeth I, c. 1600. Óleo sobre
madeira. National Portrait Gallery, London.



Processo de seleção da qualidade de grãos de café



Navio de carga na Baía de Guanabara

Damas e senhores

consomem chá,

café,

pão de açúcar,

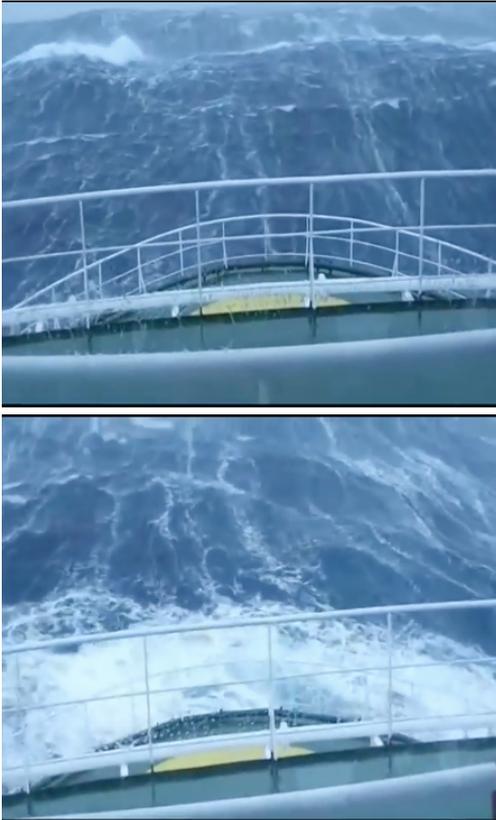
ouro,

madeira,

cacau,

tabaco

e diamante.



AUTOR DESCONHECIDO,
*Navio no Mar do Norte preso em
tempestade com ondas gigantes*



NIKOLAJ I. & LICET STUDIOS,
Ship in storm, 2021



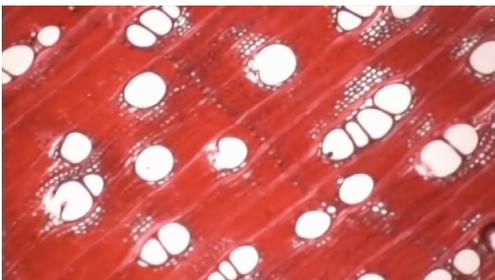
AUTOR DESCONHECIDO,
Japan Tsunami, 2011. Vídeo encontrado no
canal youtube do Earthquake Engineering

A expansão marítima é o nome dado ao fenómeno ocorrido entre os séculos XV e XVII, quando inúmeras expedições partiram das grandes potências europeias na conquista de territórios, em busca do comércio de especiarias, de novas fontes de metais preciosos, com a intenção de converter populações nativas ao trabalho escravo e ao cristianismo. A expansão marítima é como chamam um tipo de tsunami causado por falhas geopolíticas e não por falhas geológicas.



CINEMA VISION INDIA,
*Documentation of Ivory Carving and Garbage
Segregation at Ghatkopar, 2001*

A metrópole se enfeita de artefatos
e se faz confortável em almofadas
com motivos tropicais.



É de algodão puro,
tingida de pau-brasil,
a rouparia dos nobres



passada à ferro,
aquecido à carvão,



pelas mãos de meninas escravas.

ESTEVÃO CIAVATTA & REGINA CASÉ,
Um pé de quê? Pau-Brasil, 2001



Caminhos
passam a se chamar Companhias,



e seguem na direção das Índias.

ARJAN MARTINS,
Sem título, 2020

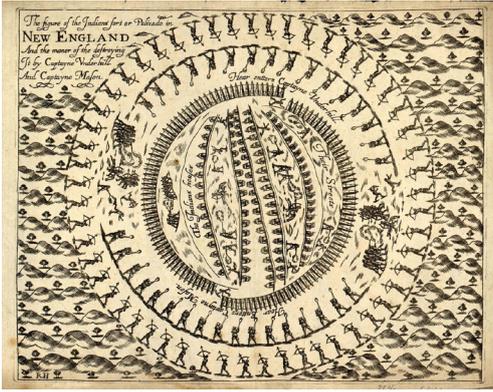
Para descobrir é preciso desconhecer.



Descobrir é uma afirmação da
própria ignorância.

SÉRGIO BERNARDES,
Tamboro, 2009.

Lumina Produções. Urca Filmes. Acervo Sérgio Bernardes. Mana Bernardes - gestora e detentora dos direitos patrimoniais do acervo junto a Pedro Wladimir Bernardes, Lola Maria Bernardes, João Wladimir Bernardes, José Wladimir Bernardes e Rosa Bernardes. Drika de Oliveira - gestora e preservadora audiovisual do acervo. Beatriz Nunes - gestora e preservadora audiovisual do acervo



JOHN UNDERHILL,

Underhill engraving, 1638.

Xilogravura. Acervo do The Mashantucket
Pequot Museum & Research Center

A ignorância é violenta
e usa pólvora para se impor.



Time-lapse do trânsito de automóveis na
rotatória Fountain of wealth em Singapura

E assim
cidades douradas comem minas e matas.



CINEMA VISION INDIA,
Documentation of a Story of Garbage
Segregation (Vol. I), 2001

Colonizar é instalar o sistema do mercado.



Muitos seres são levados à combustão
que move a roda da fortuna,



como um trem
que nunca vai parar.



Chamam de reino,
coroa,
domínio,

SÉRGIO BERNARDES,

Tamboro, 2009.

Lumina Produções. Urca Filmes. Acervo Sérgio Bernardes. Mana Bernardes - gestora e detentora dos direitos patrimoniais do acervo junto a Pedro Wladimir Bernardes,

Lola Maria Bernardes, João Wladimir Bernardes, José Wladimir Bernardes e Rosa Bernardes. Drika de Oliveira - gestora e preservadora audiovisual do acervo. Beatriz Nunes - gestora e preservadora audiovisual do acervo



sempre foi supermercado.

BLAMESOCIETY,

Chad Vader Day Shift Manager Season 1, 2006



O que deu errado no mundo
é que o projeto de alguns homens deu certo.



E eles ficaram ricos.

Crianças aprendem a usar máscaras de gás durante a Segunda Guerra Mundial, 1943



Dinheiro não pede permissão,

não pede licença,

dinheiro paga.

GUGA FERRAZ,
Sem título, 2020



Dinheiro captura o tempo

AUTOR DESCONHECIDO,

Panel With Design of Fruit Trees, c. 1720.

Têxteis e brocados de seda. Adquirido pelo Los Angeles County Museum of Art com financiamento de Mr. e Mrs. Paul A. Erskin



e faz tudo

JEAN-CLAUDE DUPLESSIS,

Vase à tête d'éléphant, c. 1958.

Porcelana de massa suave decorada com esmalte policromado e ouro. Doação da Samuel H. Kress Foundation em 1958 ao The Met Museum



mercadoria.

MEISSEN MANUFACTORY,

Bird of paradise (quetzal) (one of a pair),

1740-41. Porcelana de massa dura. Doação de Mr. and Mrs. Charles Wrightsman em 1976 ao The Met Museum



MEISSEN MANUFACTORY,
Golden oriole (one of a pair), 1740-41.
Porcelana de massa dura. Doação de Irwin
Untermyer em 1964 ao The Met Museum

Até memória vira patrimônio.



BEAUVAIS,
Armchair back, 1754-56.
Lã e seda. Doação de John D. Rockefeller Jr.
em 1935 ao The Met Museum

À medida que a natureza se extingue,



ROBERT ADAM,
The Dundas sofa, 1765. Pinho dourado e
faia, com estofamento de seda. Adquirido
pelo The Museum of Fine Arts Houston
com financiamento da Brown Foundation
Accessions Endowment Fund

um outro mundo passa a ser criado



UNKNOWN AUTHOR,
Shoes, 1690-1700.
Seda e couro. Rogers Fund, 1906

um meta-mundo



ART PALACE,
Collection of Georgian headgear,
c. XVIII-XIX. Bordado e fios de ouro

feito de representações da natureza



AUTOR DESCONHECIDO,
Ceremonial base cloth, c. XIX-XXth.
Fotografia de António Cunha para a
Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
Imagem cortesia do Museum of Christian
Art em Goa e da Fundação Calouste
Gulbenkian em Lisboa

e que pode ser consumido.



A natureza se torna encantada
e sobrevive



mesmo que no imaginário.



É a natureza que está no comando.



Ela é cósmica,
é filha do sol,



a natureza é
Ouroboros.

GLICÉRIA TUPINAMBÁ,
cacique Babau vestindo Manto Tupinambá, 2020



Para os valores do mundo capitalista,
terra é propriedade, pedra é riqueza,
água é recurso mineral.



Plantas e animais são somente alimentos
para humanos.



Gente que não comunga
dos mesmos valores é selvagem.

*Video Keine blinden Flecken - Seenotrettung
mit dem Flugzeug da revista Supernova Das
Leftstyle-Magazin.*



Sim. Somos todos selvagens.

Ser selvagem é ser filho da Selva.

Peixes nadando em forma de coração



Selvagem é o DNA,
o código que desenha e informa a vida,



atravessando como uma canoa
as existências atuais, futuras e ancestrais.



Selvagem é o coração que bate,
independente do comando da razão.



Selvagem é a simbiose,

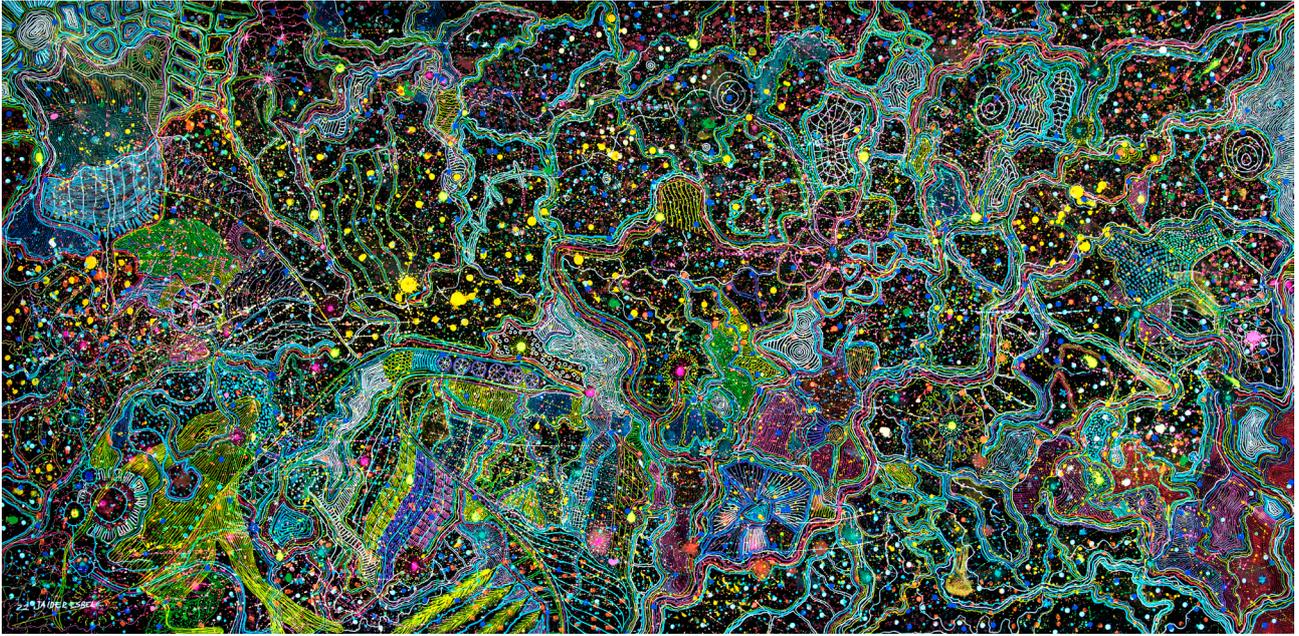


a construção da vida em colaboração
e sua metamorfose contínua,



LIA RODRIGUES,
Encantado, 2022.

Imagens e vídeo de Sammi Landweer, coreografia de Lia Rodrigues, dançado por Leonardo Nunes, Carolina Repetto, Valentina Fittipaldi, Andrey Da Silva, Larissa Lima, Ricardo Xavier, Joana Lima, David Abreu, Matheus Macena, Tiago Oliveira, Raquel Alexandre



JAIDER ESBELL,
A visita aos ancestrais, 2021.
Acrílica sobre tela, 111 x 225 cm. Direito
de imagem: Galeria Jaider Esbell de Arte
Indígena Contemporânea. Fotografia:
Daniel Jabra

fazendo que a vida seja para sempre.

São Selvagens plantas e bactérias,
as criadoras da fórmula que transforma
os raios de sol na atmosfera possível desse
planeta azul.

Selvagem é o planeta azul,
que se autorregula e orbita
em sincronia com todo o Cosmos.

O Cosmos que também é selvagem.



Desenho de LÍVIA SERRI FRANCOIO

Somos a fera

e a esfera.

BIOS:

AILTON KRENAK (1953)

Pensador, ambientalista e uma das principais vozes do saber indígena. Criou, juntamente com a Dantes Editora, o *Selvagem* – ciclo de estudos sobre a vida. Vive na aldeia Krenak, nas margens do rio Doce, em Minas Gerais. É autor dos livros *Ideias para Adiar o Fim do Mundo* (Companhia das Letras, 2019), *O Amanhã Não Está à Venda* (Companhia das Letras, 2020) e *A Vida Não é Útil* (Companhia das Letras, 2020).

ANNA DANTES (1968)

Seu trabalho estende a experiência de edição para outros formatos além dos livros. Há dez anos realiza, junto ao povo *Huni Kuĩ*, no Acre, o projeto *Una Shubu Hiwea*, Livro Escola Viva. Em 2018, criou o *Selvagem*.

CARLOS PAPÁ (1970)

É um líder e cineasta indígena do povo Guarani Mbya. Trabalha há mais de 20 anos com produções audiovisuais, com o objetivo de fortalecer e valorizar a cultura guarani mbya por meio da realização de documentários, filmes e oficinas culturais para os jovens. Também atua como líder espiritual em sua comunidade. Vive na aldeia do Rio Silveira, onde participa das decisões coletivas e busca ajudar a sua comunidade a encontrar caminhos para viver melhor. É conselheiro do Instituto Maracá e representante pelo litoral norte de SP da comissão Guarani Yvy rupa (CGY).

ELISA MENDES (1983)

Elisa experimenta imagem e palavras com trabalhos em fotografia, direção de fotografia, direção audiovisual e poesia.

<https://elisamendes.com/director-dop>

LUCAS CRANACH O VELHO (1472 - 1553)

Foi um pintor e gravador alemão renascentista. Retratou assuntos ligados à mitologia e à religião e tornou-se conhecido por pintar retratos de líderes da reforma protestante, entre eles Martinho Lutero, de quem se tornou amigo. São de sua autoria muitas das ilustrações que acompanham os escritos de Lutero. Em suas pinturas, era conhecido por unir paisagens e cenas narrativas.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Lucas_Cranach,_o_Velho

ROBERT PEAKE O VELHO (1551 - 1619)

Pintor inglês, atuou como retratista no reinado de James I e de seu sucessor Henry Frederick, tendo recebido do rei o título de Sargento-Pintor no ano de 1607. Ao lado de um grupo de artistas de outras nacionalidades, cujas oficinas trabalhavam em colaboração, se especializou em “peças de fantasia” de cores brilhantes e de corpo inteiro realizadas apenas na Inglaterra naquele período.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Robert_Peake,_o_Velho

SIR PETER LELY (1618 - 1680)

Foi um pintor de origem holandesa. No início da década de 1640 mudou-se para a Inglaterra, local onde exerceu por mais tempo sua profissão e no qual se tornou o pintor oficial da corte real. Embora tenha iniciado sua carreira realizando pinturas de paisagens, logo se voltou para a pintura de retratos tornando-se um importante retratista e adquirindo a nacionalidade inglesa em 1662.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Peter_Lely

NICHOLAS HILLIARD (1547 - 1619)

Foi um ourives e retratista inglês, conhecido principalmente por realizar retratos em miniatura de membros da corte. Considerado uma importante figura artística de sua época, é associado ao Renascimento. Seus retratos líricos em miniatura, chamados limning na Inglaterra elisabetana, colaboraram para o desenvolvimento e a formulação do conceito de retratos durante o final do século XVI e início do século XVII.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Nicholas_Hilliard

ESTEVÃO CIAVATTA & REGINA CASÉ (1968 E 1954)

Estevão é diretor, roteirista, fotógrafo e produtor de cinema e TV. É sócio-fundador da Pindorama Filmes. Regina Casé é uma atriz, autora, diretora, produtora e apresentadora brasileira. Juntos, integram o programa de TV *Um pé de quê?*, que conta com a direção de Ciavatta e apresentação de Casé. O programa fala sobre as árvores brasileiras, de todos os biomas, aproximando as mais diversas espécies ao dia a dia das pessoas. No ar há mais de 20 anos, *Um pé de quê?* serve de material educacional em inúmeras escolas e instituições por todo o país.

<http://www.umpedeque.com.br>

ARJAN MARTINS (1960)

É um artista brasileiro nascido no Rio de Janeiro, onde hoje vive e trabalha. Iniciou seus estudos artísticos na década de 1990 na Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Em seus trabalhos, trata da diáspora africana e dos movimentos coloniais que se deram em territórios afro-atlânticos, evocando temas como herança colonial, identidade étnica, negritude e segregação. Sua obra já foi apresentada em diversas instituições brasileiras, além de ter sido exposta em importantes bienais pelo mundo, como a Bienal de Dakar e a Bienal do Mercosul. Foi vencedor do Prêmio PIPA de arte contemporânea no ano de 2018 e vencedor do PIPA Voto Popular Exposição no mesmo ano.

<https://www.agentilcarioca.com.br/artists/33-arjan-martins>

SÉRGIO BERNARDES (1944-2007)

Filho do arquiteto Sérgio Bernardes e neto do jornalista Wladimir Bernardes, Sérgio Bernardes foi um cineasta brasileiro. Seu primeiro longa-metragem, *Desesperato* (1968), recebeu por unanimidade o prêmio de melhor filme no Festival de Belo Horizonte e, logo em seguida, foi censurado pela ditadura. Depois de anos em exílio na França, quando voltou ao Brasil, Sérgio partiu em diversas expedições pela Amazônia e o interior do país.

<http://tamboro.blogspot.com/>

JOHN UNDERHILL (1597 - 1672)

Foi um dos primeiros colonos e soldados ingleses na Colônia da Baía de Massachusetts, na província de New Hampshire, onde se tornou capitão e mais tarde chegou ao cargo de governador. É conhecido por ter liderado a milícia colonial nas guerras de Pequot e Kieft, ataques orquestrados pelos colonos contra dois grupos indígenas dos Estados Unidos. Posteriormente, publicou um relato sobre a Guerra de Pequot.

[https://en.wikipedia.org/wiki/John_Underhill_\(captain\)](https://en.wikipedia.org/wiki/John_Underhill_(captain))

GUGA FERRAZ (1974)

Artista brasileiro nascido no Rio de Janeiro, onde iniciou os estudos em Arquitetura e Urbanismo e posteriormente voltou-se para o estudo de

Escultura na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EBA-UFRJ). Em sua pesquisa, o artista aborda de forma crítica questões relacionadas à violência urbana, as relações entre indivíduo e cidade e aos atravessamentos urbanos e políticos. A partir do ano 2000 integrou o grupo Atrocidades Maravilhosas, realizando trabalhos de intervenção na cidade.

<https://www.arturfidalgo.com.br/guga-ferraz>

JEAN-CLAUDE DUPLESSIS (1699 - 1774)

Foi um ourives, escultor, ceramista, fundador de bronze e decorador rococó. Atuou como diretor artístico da fábrica de porcelana de Vincennes e da fábrica originada a partir desta, em Sèvres. Trabalhou também como ourives do rei de 1758 a 1774. Nascido em Turim, seu primeiro trabalho foi realizado para o príncipe de Carignan e outros membros da Casa de Savóia, uma das mais antigas famílias da nobreza europeia. Posteriormente mudou-se para a França, onde viveu por anos.

https://en.wikipedia.org/wiki/Jean-Claude_Chambellan_Duplessis

ROBERT ADAM (1729 - 1792)

Arquiteto escocês, trabalhou também como decorador de interiores e designer de mobiliário. Tornou-se um dos mais famosos arquitetos de seu país em sua época e é considerado por muitos o maior arquiteto da segunda metade do século XVIII, sendo conhecido por seu estilo neoclássico. Foi arquiteto oficial do Rei, pertenceu à Royal Society of Arts e foi eleito para o Parlamento em 1768. Seu estilo influenciou o desenvolvimento da arquitetura ocidental, tanto na Europa como na América do Norte. Cerca de nove mil de seus desenhos se encontram hoje no museu Soane em Londres.

GLICÉRIA TUPINAMBÁ (1982)

Também conhecida como Célia Tupinambá, é artista e professora da Serra do Padeiro, de uma das 22 aldeias da Terra Indígena Tupinambá de Olivença, no sul do Estado da Bahia. Atualmente participa intensamente da vida política e religiosa dos Tupinambá, envolvendo-se sobretudo em questões relacionadas à educação, à organização produtiva da aldeia, aos serviços sociais e aos direitos das mulheres. Através do projeto *Nós somos pássaros que andam*, vem trabalhando com a revitalização e o resgate da tradição do manto de seu povo, tendo sido indicada ao Prêmio PIPA

de arte contemporânea no ano de 2022. Realizou o documentário *Voz Das Mulheres Indígenas* (2015) e segue trabalhando na área audiovisual. Recentemente realizou a exposição *Kwá Yepé Turusú Yuriri Assojaba Tupinambá / Esta é a Grande Volta do Manto Tupinambá*, em Brasília (2021).

<https://www.premiopipa.com/gliceria-tupinamba>

MEISSEN MANUFACTORY

Fundada em 1710 na Alemanha, é a mais antiga fábrica de porcelana da Europa, sendo até hoje reconhecida pela alta qualidade de suas peças. Os experimentos com a porcelana de pasta dura, também chamada de “porcelana verdadeira”, foram desenvolvidos no continente europeu a partir de 1708 pelo físico Ehrenfried Walther von Tschirnhaus e o alquimista Johann Friedrich Böttger, dando origem à fábrica Meissen e suas peças hoje facilmente identificáveis por carregarem a insígnia de duas Espadas Cruzadas em azul cobalto.

<https://www.erlebniswelt-meissen.com>

LIA RODRIGUES (1956)

É uma bailarina e coreógrafa brasileira. Estudou Ballet Clássico e cursou História na USP. Em 1977, foi uma das fundadoras do grupo independente de dança contemporânea Andança, vencedor do prêmio da APCA em 1978. Entre 1980 e 1982, trabalhou na Compagnie Maguy Marin, na França, onde participou da criação de ‘May B’, um dos mais celebrados espetáculos de dança contemporânea. Recebeu diversos prêmios nacionais e internacionais e em 1990 fundou a própria companhia, Lia Rodrigues Companhia de Dança, hoje sediada no Centro de Artes da Maré, espaço inaugurado em 2009 e fruto da parceria entre a companhia e a ONG Redes da Maré. O estreitamento da colaboração entre a ONG e Lia Rodrigues possibilitou a criação da Escola Livre de Dança da Maré no ano de 2011.

<http://www.liarodrigues.com>

JAIDER ESBELL (1979 - 2021)

Foi um escritor, artista, arte-educador, geógrafo e curador brasileiro da etnia Macuxi. Nascido em Roraima, viveu até os 18 anos na Terra

Índigena Raposa Serra do Sol. Foi ativista pelos direitos indígenas e um dos destaques da 34ª Bienal de São Paulo. No mesmo ano, foi curador da mostra *Moquém - Surarî: arte indígena contemporânea*, organizada no Museu de Arte Moderna de São Paulo em paralelo à Bienal, exposição que reuniu trabalhos de artistas indígenas de diversos povos. Ao lado de outro/as artistas indígenas, teve um papel central na consolidação da arte indígena contemporânea no Brasil assim como na produção e articulação de pensamento em torno de tais produções. Sua obra desdobrava-se em pinturas, textos, desenhos e instalações. No ano de 2016, foi o vencedor do Prêmio PIPA Online e esteve entre os artistas indicados na edição de 2021.

<http://www.jaideresbell.com.br>

DORA SELVA (1990)

Artista interdisciplinar, reside no Rio de Janeiro desde 2013, atuando profissionalmente na área da dança. Integrou a Lia Rodrigues Cia de Danças, sediada no centro de artes da maré por 4 anos. Desde 2017 trabalha com projetos autorais, que transitam pelos campos da dança, performance, artes plásticas e audiovisual. É criadora do projeto Viva Pelve, uma prática multifacetada de estudo sobre a pelve. O projeto envolve oficinas, aulas regulares, processos artísticos, pesquisa sonora e criação de conteúdo.

LOUISE BOTKAY (1978)

Artista visual e cineasta, realiza fotos e filmes usando câmeras de telefone celular, de vídeo e filmes em super 8, 16 e 35 milímetros. Seus filmes, permeados de silêncio e realizados em países como Haiti, Congo, Níger, Chade, Holanda, França e Brasil, abordam o sincretismo cultural no contexto pós-colonial, investigando os modos de desvelamento do visível pelo dispositivo filmico.

<https://vimeo.com/louisebotkay>

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem. A coordenação editorial é de Victoria Mouawad e a editoração de Isabelle Passos.

Mais informações em selvagemciclo.com.br

Este caderno conta com a especial participação de Larissa Vaz, que redigiu as biografias dos artistas.

LARISSA VAZ

Jornalista de formação e mestranda em antropologia, Larissa Vaz trabalha com pesquisa, edição, revisão e tradução para publicações. Coeditou a antologia de poesia *Tertúlia* (ágrafa, 2018) e colaborou como pesquisadora para os livros *Todas as crônicas* (Rocco, 2018) e *Todas as cartas* (Rocco, 2020), de Clarice Lispector. É também oraculista e escreve para sondar o mistério.

FICHA TÉCNICA

IDEIA ORIGINAL E NARRAÇÃO Ailton Krenak
DIREÇÃO, ROTEIRO E PESQUISA Anna Dantes
PRODUÇÃO Madeleine Deschamps
EDIÇÃO DA FLECHA AUDIOVISUAL Elisa Mendes
ANIMAÇÕES Lívia Serri Francoio
TRILHA SONORA Gilberto Monte e Lucas Santtana
ASSISTENTE DE COMUNICAÇÃO Laís Furtado
ASSISTENTE DE PRODUÇÃO Victoria Mouawad
ASSISTENTE DE DESIGN Isabelle Passos
TRADUÇÃO Victoria Mouawad e Gabriel Paixão
COMUNICAÇÃO Cris Muniz Araujo, Dani Ruiz, Natalia Amarinho, Ana Otero,
Clarissa Cruz, Karlene Bianca, Mari Rotili, Maurício Boff, Natália Borges, Simone Batista

AGRADECIMENTOS

Acervo Sérgio Bernardes – Drika de Oliveira e Mana Bernardes
Allegra Abdo
Arjan Martins
Blamesociety films – Aaron Yonda
Carlos Papá
Cristine Takuá
Daniel Jabra
Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa
Glicéria Tupinambá
Instituto Moreira Salles (IMS) – Angelo Manjabosco, Thaianie Koppe, Vera Lúcia Nascimento
Jaider Esbell
Lamia Mouawad
Lia Rodrigues
Licet Studios – Max Habermann
Marcella Marer
Museum of Christian Art, Goa – Natasha Fernandes
Oman Dhas
Parmênio Citó
Pindorama filmes - Estevão Ciavatta
Sammi Landweer
Sci-Inspi
Wehi TV - Drew Berry



DORA SELVA & LOUISE BOTKAY,
Jibóia, 2022.

cadernos SELVAGEM
publicação digital da
Dantes Editora
Biosfera, 2022

